

Resenha
A Obra de Philip Roth

Lauro Iglesias Quadrado
Mestrando em Letras UFRGS

Philip Roth é, para o público brasileiro em geral, um autor um tanto desconhecido. Melhor: conhecido praticamente por sua produção inicial, sendo invariavelmente apresentado como “o autor de *O Complexo de Portnoy*”, seu romance mais célebre, que data de 1969. Tal fato é bastante curioso, pois desde a década de 1990 se encontram disponíveis no Brasil, edições de seus livros traduzidas para o português por uma editora grande e de fácil acesso a todos, a Companhia das Letras.

Dessa forma, o reconhecimento de sua idiosincrasia narrativa parece necessário. Roth sofre com críticas variadas: por muitos – notadamente os viúvos modernistas – é criticado por não inovar em sua forma poética; por outro lado, é visto pelos mais tradicionais como um autor que deixa a desejar na construção de seus textos.

De fato, Roth lança mão de recursos romanescos tradicionalmente consagrados, em miúdos: os divide em capítulos, não se utiliza de estripulias – neologistas ou digressivas – em sua linguagem – limpa e fluida, linear e acessível em sua compreensão inicial. O que leva então escritores-pensadores como J. M. Coetzee a criticar aspectos de sua obra? Justamente o fato de que Philip Roth é um homem de seu tempo na maneira como desenvolve os temas de suas narrativas, que fortemente marcam uma época notória pela fragmentação e incompletude de relações e instituições.

Coetzee, em ensaio publicado sobre o autor estadunidense em *Inner Workings* (2007), afirma que o livro *Complô contra a América* (lançado no Brasil em 2005) soa apressado, argumentando que não há resposta sólida, mas sim apenas rumores em relação ao destino do ficcional Charles Lindbergh criado por Roth. Ele chega a afirmar que o livro estaria em melhores mãos se sua sólida pesquisa histórica estivesse a cargo

de Jorge Luis Borges – escritor tão escolado no clássico quanto o sul-africano. Tal afirmação é muito curiosa, pois não raro as histórias contadas por Roth e Coetzee são muito semelhantes, mesmo assim, se encaixam em tradições diferentes. O último parecer aprendido e executado as lições da enorme tradição literária – fato importante, levando em conta que ambos os autores escrevem em língua inglesa, cuja literatura é de rica história e relevância – e seus “truques”, como a organização de enredo bem definida e a atenção a aspectos morais das personagens. Exemplos podem ser encontrados em uma de suas mais recentes obras, *Diário de um Ano Ruim* (de 2007, publicado no Brasil em 2008, com tradução de José Rubens Siqueira), na qual Coetzee constrói história com clímax definido, além da tradicional mudança de caráter das personagens juxtaposta às ações que se sucedem dentro da narrativa.

Se Zygmunt Bauman fala em um “homem sem laços” na contemporaneidade, parodiando o famoso “homem sem qualidades” do escritor austríaco Robert Musil, os textos de Philip Roth certamente exemplificam isso. A ausência de razões aparentes para a turbulência nas relações interpessoais retratadas por Roth, mesmo – e principalmente – entre entes mais próximos, guia a produção mais recente do autor estadunidense, como pode ser visto em livros como *O Animal Agoniante* (2006) e *Homem Comum* (2007). Além disso, o escritor dispensa a relação de causalidade, marca da tradição de histórias de ficção. Temos um caso exemplar em seu mais recente livro, *A Humilhação* (2010), em que o protagonista Simon Axler, reconhecido ator de teatro, sem explicação perde seu talento, ou seja, o acontecimento que modificará toda a vida do personagem se dá de maneira repentina, sem motivo aparente.

É preciso então que o leitor reconheça os fios soltos das histórias e das personagens construídas por Philip Roth, mesmo que amarrados e costurados de forma cuidadosa, impecável. É justamente aí que se encontra a força de sua ficção: o grande desafio de unir tradição e traumas pós-modernos.